

## 1. Introdução

### Contexto histórico

- 1) **Nacionalismo político**: depois da **crise de 1383 – 1385**, que termina com a **Batalha de Aljubarrota** (1385) e a independência de Portugal há um sentimento de optimismo e **esperança**. Lembremos que esta independência foi conseguida pelo povo com a ajuda do **Mestre de Avis**, já que a nobreza apoiou a aliança com Castela pretendida pela rainha regente, Leonor Teles. No relato destes feitos nas crónicas de **Fernão Lopes o povo**, ao que denomina *arraia miúda*, volvera-se o **protagonista**.
- 2) **Nacionalismo linguístico**: já **D. Dinis** tinha promulgado leis para promover o uso do português na prosa, face ao latim, mas são os membros da **geração de Avis** os que criam uma **literatura portuguesa** em prosa, abrindo um **caminho** que **continuará** **Fernão Lopes**.

### Vida

Da vida de Fernão Lopes temos muito poucos dados:

- 1) Teria **nascido** entre **1380** e **1390**.
- 2) Teria pertencido ao **povo** e **aprenderia** a **ler** e **escrever** em **português** e outras **línguas** para desempenhar o ofício de **tabelião**, quer dizer, de redactor de documentos oficiais.
- 3) Desempenhou os **cargos** de:
  - a) **Guarda-mor** ou arquivista da Torre do Tombo. Conservamos o **documento** no que **D. Duarte** lhe dá este **cargo**.
  - b) **Cronista-mor** do reino de Portugal, cargo criado **por D. Duarte**. Também conservamos o **documento** no que o **rei** lhe **encomenda** a Fernão Lopes a redacção das **crónicas** de **todos** os **reis** de Portugal. Durante o reinado de **Afonso V**, sucessor de D. Duarte, Fernão Lopes continua a exercer de cronista-mor do reino, mas o rei nome um sucessor já que diz numa carta que Fernão Lopes está *tam velho e fraco* que precisa ser substituído. O seu **sucessor** seria **Gomes Eanes de Zurara**.

## 2. Obras conservadas

Fernão Lopes, ao ser arquivista da Torre do Tombo, tem acesso a muitos documentos, o que lhe facilita a redacção das suas crónicas. Só conservamos dele três crónicas:

- 1) **Crónica do rei D. Pedro**, na que pela **primeira vez** aparece **em prosa** a história de **Inês de Castro**.
- 2) **Crónica do rei D. Fernando**, na que recolhe os acontecimentos do **reinado** de **D. Fernando** e os que se passam um pouco depois da sua morte, quando governa a **rainha regente Leonor Teles**, figura à que Fernão Lopes lhe presta especial atenção.
- 3) **Crónica do rei D. João**, a **mais volumosa** de todas. Está dividida em **duas partes**:

- a) **Primeira parte** → **pré-Aljubarrota**: narra os acontecimentos que tiveram lugar após a **morte de D. Fernando** até que se **designa** como **rei de D. João I**.
- b) **Segunda parte** → **pós-Aljubarrota**: narra os acontecimentos do **reinado de D. João I**.

Há **indícios** de que Fernão Lopes tivesse escrito **outras crónicas** anteriores à de D. Pedro, já que ele mesmo faz nestas obras **referências a crónicas** como a de D. Sancho I, que **diz** que ele **escreveu** mas que **não conservamos**.

A **Crónica do condestabre**, na que o protagonista é o condestável **Nuno Álvares Pereira**, foi-lhe também **atribuída** a Fernão Lopes já que esta personagem tem muito protagonismo na *Crónica do rei D. João I*. Porém, na **actualidade** não se acredita que a autoria da *Crónica do condestabre* seja de Fernão Lopes e considera-se uma **crónica anónima**.

### 3. A concepção da História

#### Prólogo da Crónica de D. João I

<p>Grande licença deu a afeição a muitos que tiveram cárrego d'ordenar estorias, moormente dos senhores em cuja mercee e terra viviam e u foram nados seus antigos avoos, seendo-lhe muito favorávees no recontamento de seus feitos; e tal favoreza como esta nace de mundanal afeição, a qual nom é salvo conformidade dalgũa cousa ao entendimento do homem. Assi que a terra em que os homeés per longo costume e tempo foram criados geera üa tal eonformidade antre o seu entendimento e ela que, avendo de julgar algũa sua cousa, assim em louvor como per contrairo, nunca per eles é dereitamente recontada; porque, louvando-a, dizem sempre mais daquelo que é; e, se doutro modo, nom escrevem suas perdas tam mingudadamente como acontecerom.</p>	<p>O <b>afecto à terra</b> pode levar à <b>perda da objectividade</b>.</p>
<p>Outra cousa geera ainda esta conformidade e natural inclinaçom, segundo sentença dalguüs, dizendo que o pregoeiro da vida, que é a fame, recebendo refeição pera o corpo, o sangue e esritos geerados de taes virandas tem üa tal semelhança antre si que causa esta conformidade. Alguüs outros tiveram que esto decia na semente, no tempo da geeraçom; a qual despõe per tal guisa aquelo que dela é geerado, que lhe fica esta conformidade tam bem acerca da terra como de seus dívidos.</p> <p>E assi parece que o sentio Túlio, quando veo a dizer: «Nós nom somos nados a nós meesmos, porque üa parte de nós tem a terra e outra os parentes.» E porém o juizo do homem, acena de tal terra ou pessoas, recontando seus feitos, sempre çopega<sup>1</sup>.</p>	<p>O <b>sentimento de dívida</b> com a <b>pessoa</b> que lhe <b>paga</b> ao cronista também pode levar à <b>perda da objectividade</b>.</p>
<p>Esta mundanal afeição fez a alguüs estoriadores que os feitos de Castela com os de Portugal escreverom, posto que<sup>2</sup> homeés de boa autoridade fossem, desviar da dereita estrada e correr per semideiros escusos, por as mínguas das terras de que eram em certos passos claramente nom seerem vistas; e especialmente no grande desvairo que o mui virtuoso Rei da boa memoria Dom Joam, cujo regimento e reinado</p>	<p><b>Crítica implícita</b> a <b>López de Ayala</b> pela sua parcialidade.</p>

<sup>1</sup> *Está aí.*

<sup>2</sup> *Embora.*

<p>se segue, ouve com o nobre e poderoso Rei Dom Joam de Castela, poendo parte de seus boões feitos fora do louvor que mereciam, e eadendo<sup>3</sup> em alguãs outros da guisa que nom acontecerom, atrevedo-se a publicar esto em vida de taes que lhe foram companheiros, bem sabedores de todo o contrairo.</p>	
<p>Nós certamente levando outro modo, posta a de parte toda a afeição que por aazo das ditas razões aver podiamos, nosso desejo foi em esta obra escrever verdade, sem outra mestura, leixando nos boões aquecimentos todo fingido louvor, e nuamente mostrar ao poboo quaesquer contrairas cousas, da guisa que aveerom.</p>	<p><b>Pretensão de objectividade.</b></p>
<p>E se o Senhor Deos a nós outorgasse o que a alguüs escrevendo nom negou, convem a saber, em suas obras clara certidom da verdade, sem duvida nom soamente mentir do que sabemos mas ainda errando, falso nom queriamos dizer; como assi seja que outra cousa nom é errar salvo cuidar que é verdade aquilo que é falso. E nós, engando per ignorancia de velhas escrituras e desvairados autores, bem podiamos ditando errar; porque, escrevendo homem do que nom é certo, ou contará mais curto do que foi, ou falará mais largo do que deve; mas mentira em este volume é muito afastada da nossa voontade. Ó! com quanto cuidado e diligência vimos grandes volumes de livros de desvairadas languageës e terras! e isso meesmo públicas escrituras de muitos cartários e outros logares, nas quaes, depois de longas vegilias e grandes trabalhos mais certidom aver não podemos da conteúda em esta obra. E sendo achado em alguüs livros o contrairo do que ela fala, cuidae que nom sabedormente mas errando muito, disserom taes cousas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferença entre <b>erro vs. mentira</b> e <b>certeza vs. verdade</b>.</li> <li>- Referência ao importante trabalho de <b>pesquisa e análise</b> das <b>fontes</b>, justificando assim qualquer erro.</li> </ul>
<p>Se outros per ventuira em esta cronica buscavam fremosura e novidade de palavras, e nom a certidom das estorias, desprazer-lhe-à de nosso razoado, muito ligeiro a eles d'ouvir e nom sem gram trabalho a nós de ordenar. Mas nós, nom curando de seu juizo, leixados os compostos e afeitados razoamentos, que muito deleitom aqueles que ouvem, ante poemas a simprez verdade que a afremosentada falsidade. Nem entendaes que certificamos cousa, salvo de muitos aprovada e per escrituras vestidas de fé; doutra guisa, ante nos calariam que escrever cousas falsas.</p>	<p>Pretensão de fazer uma <b>prosa simples</b>, de subordinar a formosura formal à <b>verdade</b>.</p>
<p>Que logar nos ficaria pera a fremosura e afeitamento das palavras, pois todo nosso cuidado em isto despes<sup>4</sup> nom basta pera ordenar a nua verdade? Porém, apegando-nos a ela firme, os claros feitos, dignos de grande renembrancha, do mui famoso Rei Dom Joan, sendo Mestre, de que guisa matou o conde Joam Fernández, e como o poboo de Lisboa o tomou primeiro por seu regedor e defensor, e depois outros alguüs do reino, e d'i em deante como reinou e em que tempo, breve e sãamente contados, poemas em praça na seguinte ordem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferenciação entre as <b>duas partes</b> da <b>crónica</b>.</li> <li>- Referência à <b>morte</b> do <b>Conde Andeiro</b><sup>5</sup> (Joam Fernández).</li> </ul>

## Características gerais das suas crónicas

<sup>3</sup> Engadindo.

<sup>4</sup> Usado.

<sup>5</sup> Num dos capítulos conta-se como se produz este facto: o Mestre de Avis é convidado a um convite no Paço, com Leornor Teles e o Conde Andeiro. A estratégia para matar o conde consistiu em criar confusão dizendo que iam matar o Mestre de Avis, pelo que o povo vai socorrer o Mestre e, nessa confusão, alguém mata o Conde Andeiro. Assim, a morte do Conde Andeiro da mão do Mestre de Avis ou de algum dos seus é vista como uma fazanha em defesa própria.

Fernão Lopes expõe muito pormenorizadamente no **prólogo** da *Crónica de D. João I* qual é a sua **concepção da História**, mas o que ele diz na teoria não sempre coincide com o que faz na prática:

- 1) Perda da **objectividade** pelo **afecto** à **terra** e o sentimento de **dívida** perante a pessoa que encarrega as crónicas, o que faz que se exagere o positivo e reduza o negativo. Diz Fernão Lopes que isto é que lhe passa a **López de Ayala** na sua *Crónica del rei D. Juan I*, na que considera que privilegia os feitos de D. Juan I de Castilha por cima dos de D. João I de Portugal. Ele diz que quer **evitar isto**, mas não sempre o consegue já que é evidente o **favoritismo pela Casa de Avis**, como podemos comprovar nalguns trechos:
  - a) Quando faz o cômputo das vítimas de Aljubarrota diz que alguns **castelhanos** foram encontrados mortos e não tinham qualquer ferimento porque **morreram de medo** perante os portugueses.
  - b) Menciona que em Aljubarrota os **castelhanos fugiam** só porque os **portugueses gritavam**.
  - c) No retrato duma **batalha menor** diz que os portugueses lutavam contra os castelhanos numa **proporção** de **um português** por cada **seis castelhanos**. Entre os castelhanos houve centenas de mortos, mais de dez prisioneiros e um ferido, mentes que do lado dos **portugueses** só houve **um morto e um ferido**.
- 2) Faz referência à diferença entre **verdade** e **certeza**, **comprometendo-se** a contar a **verdade** mas **não a certeza**, já que pode que os dados lhe cheguem transformados, de jeito que não pode estar seguro de que conta a certeza absoluta. Nega a mentira, mas não desbota a **possibilidade** de cair em **erros**.

verdade	certeza
mentira	erro

- 3) Em relação com o anterior, Fernão Lopes consulta **multidão** e **variedade** de **fontes**, já que faz **apuradas investigações**. Faz referência a que muitas das fontes estão em pergaminhos muito antigos e é **possível** que **não as interprete correctamente**. Assim, quando há **dúvida** em quanto às fontes expõe-lhe ao **leitor** as **diversas versões** das diferentes fontes para que ele **escolha**.
  - a) **Tipos de fontes:**
    1. **Narrativas: crónicas doutros autores**, em especial de López de Ayala, ou **anónimas**, às que tem aceso por ser o guarda-mor da Torre do Tombo. Assim, cita até cinco narrativas anónimas que consulta sobre o tema de Aljubarrota e são frequentes **expressões** como *alguns dizem* ou *outros historiadores dizem que*.
    2. **Documentais: actas** de conselhos ou das Cortes, **bulas** eclesiásticas, **correspondência** epistolar ou **epitáfios** que ele denomina *bitafes antigos*.
  - b) **Análise crítica das fontes:**
    1. **Confronta a documentação contraditória** e decide-se pela mais **razoável**.
    2. Em caso de **dúvida**:
      - Expõe as **diferentes versões** para que o **leitor escolha qual quiser**. Um exemplo disto encontramos-lo na narração do matrimónio póstumo de Inês de Castro e D. Pedro I na *Crónica do rei D. Pedro*.
      - **Prefere os documentos oficiais** à opinião de narrativas literárias.

- 4) No prólogo expõe a sua **pretensão** de usar uma **prosa simples**, sem ornamentação que possa levar a ambiguidade ou falsas interpretações. Porém, na prática **não sempre** faz isto já que há ocasiões nas que usa metáforas, comparações, muita adjectivação ornamental. É frequente também uma **prosa emotiva** (exclamações, implicação emocional), por isso se diz dele que *chora com os que choram e ri com os que rim*.
- 5) **Pormenorização** na que em muitas ocasiões se descobrem **dados fictícios**:
- Transcrição de **diálogos directos**.
  - Descrição de **pormenores dificilmente comprováveis**: sentimentos dos soldados, número exacto de pedradas contra um forte...
- 6) **Protagonismo do povo**, que denomina *arraia miúda*:
- Faz **ouvir a voz** de alfaiates, pastores... Exemplos: insultos a Leonor Teles perante o casamento da sua filha com o rei castelão; gritaria quando se pensa que o Mestre de Avis vai ser assassinado. Isto tem também uma certa dose de **subjectividade**.
  - Denomina-o *ventres ao sol* quando sai à rua com **espírito revolucionário**.
  - Apesar do seu protagonismo, também **critica** o povo quando exerce uma **violência injusta**. Exemplo: “Alvorço popular”

Alvorço popular	
Primeira parte da <i>Crónica do rei D. João</i>	
Protagonismo do <b>povo</b> ( <i>arraia miúda e ventres ao sol</i> ), mas é <b>criticado</b> pela sua <b>violência injusta</b> com uma abadessa por ser parente de Leonor Teles.	
<b>Subjectividade</b> dos <b>diálogos</b>	- <i>Vamos matar a aleivosa da abadesa, que é parenta da Rainha, e sua criada!</i> - <i>Eis os bêbados! Andam com a sua bebedice... Deixai-os vós que ainda se êles mal hão-de achar, por estas cousas que andam fazendo!</i>
<b>Linguagem simples</b>	
<b>Descrições pormenorizadas</b>	<i>[...] de um mosteiro não longe desse lugar, dentro na cidade, em umas suas casas, que são no muro quebrado [...]</i>
<b>Variedade de fontes</b> : parece expor várias, para decidir-se pela mais razoável	- <i>segundo alguns recontam</i> - <i>outros dizem doutra maneira</i>

- 7) **Comunicação directa com o leitor**, pretendendo relatar as cenas num **tom coloquial** e de **forma visual**. Assim, destaca a expressão *e ora guardai como se fôsses presente*, ou outras como *vejamos* ou *escutemos*.

\*\*\*

Fernão Lopes é considerado o **iniciador da história moderna**, já que nas suas crónicas inclui todas as categorias sociais portuguesas, atingindo o povo um grande protagonismo e, ademais, defende a verdade nua e crua.

## Comentário de textos

## "El-Rei de Castela, com tal propósito [...] mandou-os todos decepar"

<b>Crónica de D. João I, primeira parte:</b> narração da entrada dos castelhanos em Portugal (arredor de 1383)	
<b>Ausência de objectividade:</b>	
- são muitos e muito <u>perigosos</u> os <u>castelhanos</u> , mas os <u>portugueses vencerão</u> (expressões hiperbólicas).	"que era esanto d'oolhar"
- Descrição dos <b>castelhanos</b> como um povo muito <u>cruel</u> : provocam escaramuças e roubos e deceparam lavradores (criação duma ambientação bélica).	"nom havia homem que as visse [...] que não julgasse em breves dias todo Portugal por perdido"
<b>Pormenorização e realismo descritivo</b> no seguimento do itinerário dos castelhanos.	-
<b>Comunicação directa com o leitor</b>	"como dissemos"

## "Onde sabe [...] sua honra acrescentava"

<b>Crónica de D. João I, primeira parte</b> 1383)	
<b>Alusão às fontes</b>	"alguns afirmam"
<b>Glorificação dos portugueses:</b> visão dos castelhanos como cruéis, vingativos e mesmo escabrosos.	"assi em homeês como molheres e moços pequenos, mandando-lhe decepar as mãos e cortar as lingoas e outras semelhantes crueldades"
<b>Comunicação directa com o leitor</b>	"onde sabe" "já ouvistes"

## "Nenhum falamento! [...] de muitos virotões"

<b>Crónica de D. João I, primeira parte:</b> narração da preparação do povo de Lisboa para o cerco.	
Protagonismo colectivo da arraia miúda, que se prepara para o cerco com esforço.	
<b>Pormenorização e realismo descritivo</b> no que faz o povo para procurar comida e fortificar a cidade. Usa também numerais: "setenta e sete torres"	
<b>Comunicação directa com o leitor</b>	"nenhum falamento" "que haveis ouvido" "onde savei que"

## "Oh, que formosa cousa [...] anos ata aquele tempo"

<b>Crónica de D. João I, primeira parte:</b> narração do começo do cerco de Lisboa.	
<b>Ausência de objectividade</b>	
- admirações, hiperboles e juízos de valor.	
- Referência à grandeza de Castela, o qual glorifica aos portugueses que suportam um exército grandioso.	"Oh, que formosa cousa era de ver!"
<b>Pormenorização e realismo descritivo</b>	
<b>Comunicação directa com o leitor</b>	"como dissemos"
<b>Referência às fontes</b>	"os que o viram"
<b>Protagonismo da arraia miúda</b>	

**“Estando a cidade assim cercada [...] cinco mil homens”**

<b>Crónica de D. João I, primeira parte:</b> narração do começo do cerco de Lisboa.	
<b>Protagonismo da arraia miúda:</b> estratégias para conseguir água, alimentos e defender-se dos castelhanos durante o Cerco de Lisboa.	
<b>Pormenorização e realismo descritivo</b> (sobrevivência da arraia miúda)	
<b>Alusões bíblicas</b>	“houvera mester de o multiplicar como fez Jesus Cristo aos pães, com que fartou os cinco mil homens”

**“Que maneira tinha a Rainha D. Leonor com o Mestre e com alguns outros a que não tinha bom desejo”**

<b>Crónica de D. João I, primeira parte:</b> refere-se ao que seria rei como Mestre	
<b>Protagonismo individual de D. Leonor Teles, exemplo de hipocrisia:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mostra-se amável para que não se descubram as suas intenções de vingança.</li> <li>- Engana muito bem, é bonita por fora e feia por dentro, já que finge não sentir rancor pelo assassinato do seu amante e aliado político, João Fernandes (Conde Andeiro) a mãos do Mestre de Avis</li> </ul>	<p>“Oh, que formosa cousa era de ver!”          “Ela havia certos fundamentos [...] feito nenhum desprazer”</p>

**“Como el-rei quisera meter hũu bispo a tormento, porque dormia com hũa mulher casada”**

<b>Crónica de D. Pedro</b>	Conta-se como rei D. Pedro, conhecido como o Cru e o Justiceiro, fez “justiça” com um bispo que dormia com uma mulher casada, mas ele não tinha jurisdição sobre o bispo. Por isso, os seus conselheiros advertem que o que ele fez pode ser perigoso perante a Igreja e perante o povo que o poderia ver como um algoz (que toma a justiça pelas próprias mãos)
<b>Protagonismo individual de D. Pedro</b> (o protagonismo colectivo é mais frequente na <i>Crónica de D. João I</i> do que nas outras)	
<b>Comunicação directa e coloquial com o leitor</b>	“que vos contaremos” (linhas 12 – 13) “e nom ponhades duvida” (linha 14)
<b>Importância da verdade</b>	“e nom ponhades duvida” (linha 14)
<b>Descritivismo visual e pormenorização que:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- pretende dar ideia de <b>verdade</b> (o autor dispõe de muitos dados);</li> <li>- pode fazer suspeitar duma <b>falta de objectividade</b> (pormenorização excessiva)</li> </ul>	Descrição pormenorizada de como o rei e o abade se dirigem ao quarto, de como o rei lhe tira as roupas ao abade e como o açouta...

**“Como Diego Lopez Pacheco escapou de seer preso, e foram entregues os outros e logo mortos cruellmente”**

<b>Crónica do rei D. Pedro</b>	É um novo exemplo da crueldade da forma de fazer justiça de D. Pedro, neste caso com os conselheiros que aconselharam a Afonso IV matar a Inês de Castro. Estes conselheiros são Pero Coelho, Alvaro Gonçalvez e Diego Lopez, dos quais só consegue escapar o último. Os dois primeiros são justicados cruelmente.
<b>Protagonismo individual</b>	
<b>Descrição e pormenorização</b>	Detalhes da jornada de caça de Diego Lopez.
<b>Importância das fontes</b>	<p>“dizem que” (linha 91)</p> <p>Diz em algumas ocasiões que não conta tudo o que sabe:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “e d’outras cousas que lhe aveherom nom curamos de dizer mais por nom sair fora de propósitos”</li> <li>- “A maneira de sua morte [...] seria mui estranha e crua de contar ”</li> </ul>
<b>Afastamento da objectividade</b>	Diálogos directos

**“Leonor Teles”**

Crónica do rei D. Fernando	
Protagonismo individual de Leonor Teles	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mal vista pelo povo desde que casa com o rei, já que era uma mulher divorciada.</li> <li>- Vista como a rainha da hipocrisia: “lavrador de Vénus”</li> </ul>